



GOMES, Simone Caputo. **Poesia Cinética, Equação Estética: a arte de Filinto Elísio.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

POESIA CINÉTICA, EQUAÇÃO ESTÉTICA: A ARTE DE FILINTO ELÍSIO¹

Simone Caputo Gomes²

RESUMO

Prefácio ao mais novo livro de Filinto Elísio, *Diversa prosa de quase verso*, a ser publicado. A arte poética e cinética filintiana, ponto alto da literatura cabo-verdiana contemporânea, que joga com os conceitos de inter e intratextualidade, intersemiose, interatividade, transdisciplinaridade, em busca da entropia máxima.

PALAVRAS-CHAVE: Filinto Elísio; literatura cabo-verdiana; entropia; interatividade; ludismo.

ABSTRACT

Preface to the newest book by Filinto Elísio, *Diversa prosa de quase verso*, to be published. The poetic art and kinetic filintiana, high point of modern Cape Verdean literature, playing with the concepts of inter and intratextuality, intersemiosis, interactivity, transdisciplinarity, in search of maximum entropy.

KEYWORDS: Filinto Elísio; Cape Verdean literature; entropy; interactivity; luddism.

Para Jean Tinguely, escultor suíço e engenheiro que introduziu a arte cinética durante a exposição *Le Mouvement*, 1955, na Galerie Denise René, em Paris, juntamente com Marcel Duchamp, Victor Vasarely, Alexander Calder e Jesús Raphael Soto, a imobilidade não existe. A arte cinética buscou trabalhar com a tecnologia para libertar a escultura de uma condição estática. O conceito de energia U, oriundo da termodinâmica, base do “cinetismo” define-se como a energia interna de um sistema, que corresponde à soma das energias cinéticas dos seus elementos com as energias potenciais associadas às suas mútuas interações.

1. Prefácio ao novo livro de Filinto Elísio, em processo de edição. Publicado, nesta revista, com a permissão do escritor.

2. Doutora, USP [simonecaputog@usp.br]

Na lavra poética de Filinto Elísio de Aguiar Correia e Silva (Praia, 1961), bem como neste *Diversa prosa de quase verso* (inédito, em processo de publicação), o poema é “pura frequência energética” (ELÍCIO, 2012, p. 82), em sintonia com os conceitos de energia U, interatividade e transdisciplinaridade propostos pela obra de Tinguely. As relações intra e intertextuais e as interações com o leitor tendem ao máximo de entropia, em função crescente face à quantidade de informação do sistema-texto e às mudanças flutuantes da matéria poética.

Remontando ao poema “Intradoxos” (ELÍCIO, 2011, p. 77), que dialoga com o livro de mesmo nome do brasileiro Márcio-André, o poeta Filinto Elísio propõe “e_uações estéticas/a_berta p_orta/&o_utas a_rtérias/m_otricidades”... Abrir caminhos (intradoxos) possíveis de pensamento e de criação resume o modo de estar na escrita deste cabo-verdiano que vem produzindo incessantemente em vários periódicos, dos quais destacamos *Sopinha de Alfabeto*, e ainda em livros de poesia, crônica e ficção. A obra aberta proposta por Umberto Eco, modelo teórico que se quer aproximar de uma explicação para a arte contemporânea, pode ser materializada no sentimento de pluralidade e descentralização da obra de Filinto Elísio. A abertura à participação ativa do leitor na construção de sentidos e o rompimento de paradigmas, que contraria os hábitos interpretativos do usuário dos códigos poético e linguístico, indicam o caminho para a leitura da obra de Filinto, sob o signo da viagem, odisséia existencial ou poética.

A antropofagia de textos e de mundos pelos quais este Ulisses deambula (confira-se os títulos gerundivos _ “mexendo”, “vasculhando” _ e progressivos _ “quase” _ dos livros mais recentes) perpassa uma geografia que se estende dos destroços da Atlântida, por ilhas e continentes, espaços vulcânicos e cósmicos, expandindo-se aos quatro elementos: água, terra, fogo e vento. A escrita estabelece transgressões nas texturas e caos no(s) cosmos, arquitetura labirintos com caminhos de prosa e verso (ou de quase prosa / quase verso) que o leitor percorrerá, qual Teseu, com o auxílio de fios de Ariadne (“haver ali para Ariadne o fio”; ELÍCIO, 2012, p. 28), para experimentar estados excessivos (desvarios, ardores, êxtases, grandes amores, metáforas viscerais, paroxismos, pressa das cidades) expressos por uma linguagem rica em antíteses, transmutações e neologismos – “o cronista, para enriquecer esta língua de Camões, se entrega a inventar palavras escabrosas” (*Ibidem*, p. 52).

O reino de Baco – com seu arrebatamento, prazeres etílicos, humor, ludismo e subversão da ordem – impera nos textos de Filinto, desde os títulos dos livros (*Li Cores & Ad Vinhos; Mexendo no baú. Vasculhando o U; Diversa prosa de quase verso*) à diversidade de gêneros, assuntos e tons que habitam a tecedura textual. Mexer no baú para vasculhar o U e “desoficinar a poesia” é uma das mais importantes mensagens da obra de Filinto Elísio. “Re-mexer” é “um renascer a cada poema...”, como propõe o epílogo (que poderia ser uma epígrafe) de *Diversa prosa de quase verso* (ELÍCIO, 2012, p. 82).

E re-mexer com ciência e consciência da poesia, já que o escritor explicita em sua obra a vasta cultura literária adquirida: o “engenho e arte” de Camões são reiterados como legenda deste livro mais recente (*Ibidem*, pp. 19, 33, 58 e 60), sendo postos em cena títulos, alusões e citações de Fernando Pessoa ortônimo, de seu heterônimo Alberto Caeiro, de Sá Carneiro, Shakespeare, Cervantes, Rimbaud, Baudelaire, Sartre, Simone de Beauvoir, Kafka, Nietzsche, Borges, Clarice Lispector, Adélia Prado, Guimarães Rosa, Drummond, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, Luandino Vieira, Mia Couto, Isabel Barreno, García Márquez, além dos cabo-verdianos Eugénio Tavares, Jorge Barbosa, Ovídio Martins, Corsino Fortes, Arménio Vieira, Germano Almeida, Oswaldo Osório, Mário Fonseca, Luís Romano, Maria Helena Sato, entre outros.

“Remoer livros” é um hábito deste poeta-leitor contumaz: “Faz bem ler pela madrugada, quando já anda tudo a dormir. Faz bem, esquecido das horas e das desoras, remoer páginas inteiras no barulho monocórdico de um relógio” (*Ibidem*, p. 31). O poema “Insônia a ler João Cabral de Melo Neto” demonstra o à vontade de Filinto Elísio em dialogar com a literatura e a música brasileiras (“a meia-lua inteira” de Caetano Veloso), sempre num movimento de itinerância:

A insônia das estrelas – luzindo, pessoalmente, há tanto tempo – mescla em mim o inumerável instante. Explodem-me, cá dentro, o turbilhão dos sons e o trem das cores. Sintaxes e semânticas. Visões e revisões. Viagens e torna-viagens. [...] É como se o carrossel dos desejos embalasse os arlequins de ser vã essa meia-lua inteira, tão enorme quão ínfimo o afã dos seus fragmentos. É como se o poema todo fosse para mim um atestado de pobreza, ficando eu à interminável fila do banco das urgências - entre a severina pedra, o aceiro certo de alguns toureiros e o peregrino para a itinerância do norte desse sul. O sortilégio de, tomado assim de notívaga neurastenia, ser um simples nada, poeta a estas horas... (*Ibidem*, pp. 59-60).

Em “Você, Brasil” (*Ibidem*, pp. 77-78), na homenagem por ocasião da morte do escritor binacional (cabo-verdiano e brasileiro) Luís Romano, Filinto evoca o sonho do Sr. JB, o cabo-verdiano Jorge Barbosa: conhecer o Brasil.

Cabe ressaltar que a deambulação do poeta, qual Baudelaire em Paris ou Cesário a vislumbrar “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo”⁴, nunca o desenraiza da sua terra, Cabo Verde, che-

3. VERDE, Cesário. O sentimento dum Ocidental. In: *O livro de Cesário Verde*. s.d., p. 97.

gando a dedicar passagens reverenciais (além de a seus escritores ilustres) também às tradições fundadoras como “Patrimônio imaterial” (*Ibidem*, p. 35):

Cabo Verde, que tem na Cidade Velha um lugar classificado como Patrimônio Universal da Humanidade, poderá ter outros lugares com tal estatuto: o antigo Campo de Concentração do Tarrafal. Ou, então, a Cidade de São Filipe. Ou, ainda, a Baía do Porto Grande. Mas também poderia candidatar-se ao reconhecimento da Unesco com a Morna, o Batuque ou a Tabanka. Candidatar-se ao Patrimônio Imaterial da Humanidade, mais precisamente. Quem sabe, se com a secular técnica de feitura da aguardente de cana. Ou com as Bandeiras do Fogo. É tudo uma questão de atitude. E, sobretudo, da capacidade de argumentação sobre os valores excepcionais e diferenciais dessas manifestações culturais e de como se integrar a um seleto grupo de 232 monumentos “intangíveis”.

Ressalve-se que, a par da leitura do real, como no excerto acima, e de operar a intertextualidade com a produção literária cabo-verdiana e universal, dando a medida do que viveu e do que leu, Filinto trabalha com a intratextualidade, citando títulos, temas, trechos/versos e personagens já esparzidos por sua vasta obra: principalmente *outsiders*, como as moças dos portos e as peixeiras de rua, os “poetas das estradas, sem eira nem beira” (ELÍSIO, 2011, p. 71), os loucos, sem cabresto, o anjo *gauche* de Drummond, que ladeiam Nereidas e deusas vaporosas.

No seu “errático jeito de estar no mundo” (ELÍSIO, 2012, p. 10), o poeta, “cavaleiro andante”, “aventureiro”, “peregrino”, “andarilho ou “vendo a paisagem no Google Earth” (p. 64), cumpre um périplo, num “desconcerto” de inspiração camoniana que considera aventureiros “os poetas malditos, vagabundos e doridos”, assim como “as musas das esquinas e as raparigas esquecidas”, seus companheiros ou alteregos. “Filosoficamente, já sou vadiagem” (*Ibidem*, p. 44), sintetiza Filinto Elísio.

Comungando o habitat de Arménio Vieira, outro assumido *outsider* (o que lhe não obstou ser merecidamente consagrado com o maior galardão das literaturas de língua portuguesa, o Prémio Camões), a “escrita” filintiana tem como epicentro a “mesa do Café Sofia, claro. [...] mais em riso que em siso” (*Ibidem*, p. 8). E “sem lenço, nem documento”, como na dionisiaca marcha “Alegria, alegria”, página antológica do brasileiro Caetano Veloso.

Poeta da margem, “iconoclasta”, “navegante de passagem”, assim é possível definir Filinto Elísio:

Iconoclasta, entraria eu pelo inferno aos pontapés. Ou, se fosse céu, chegava também ali logo a mandar vir. Não porque, em vida, emparelho quartetos e tercetos para distrair o mundo com sonetos. Nem porque, de tanta lida, satirize a ira dos deuses da esquina e da pira louca, quando não desvairada, dos sabidos da praceta. Outro que não eu, mas de mim, qual navegante de passagem, andará pelos bares e botequins desta cidadela. A contar as mágoas e as desventuras... (*Ibidem*, p. 68).

As “cotovias” shakespearianas, arautos da manhã, aqui, “armadas em cisnes” (negros de Tchaikovsky), “afogam-se no lago” (*Ibidem*, p. 19), em total desconcerto, e:
Desgovernado, o poema

é mais que procura, alucina
pensá-lo em seu transbordar
e sua loucura ensina
poentes sem âmbares azuis,
nem sóis laranjas de certas horas...(*Ibidem*, pp. 4-5)

A palavra, excessiva, objetiva captar esses espaços e seres ocultos na sombra, cisnes negros que, como propõe Heidegger (1973, p. 117) lendo Heráclito, acabam por revelar a sua máxima luz ou verdade: “voo **inteiro**”, “**tudo** ladrilhado”, “**tanto** espelho”, “sua sintaxe, **tanto** que arde”, “**ultrapassa** o sol” (*Ibidem*, p. 5).

A arte poética de Filinto, como se autodefine, é uma deusa tântrica de múltiplos braços, sensacionista – se o objeto é uma sensação, a arte é a conversão de uma sensação em outra – e paroxística, qualificação semelhante à que o ortônimo Fernando Pessoa (1976b, pp. 426-427) concede à poesia de Álvaro de Campos:

Dissera, antes de te ver, que a Arte é uma deusa tântrica. Os seus múltiplos braços, ora nos acariciam, ora nos estrangulam. Eu tenho o defeito de entrar numa tela do Mito e gritar para o curioso: “Ó badameco, olha para isto. É de um cristão não entender mais nada”. O jeito é “sensacionar-se”. Sentir-se pela matriz da sensação. O jeito é desconstruir-se para a mensagem que nem sempre vem com a roupagem da lógica. A Arte, sem alarde, não se emoldura em significado. Agora que te vejo, assim, musa de cabelos ao vento. Agora que te vejo, “sensaciona-me” esta quietude (ELÍSIO, 2012, p. 76).

O sensacionismo, como proposto por Pessoa, traduz-se na poética de Filinto Elísio na intersecção de sensações: no contexto da internáutica contemporânea, redimensiona a cultura acústica, associando a escrita a outros meios artísticos, audiovisuais, como o DVD, o desenho, a pintura, o vídeo. As “impressões a cores”, o brilho (e a sua sombra) bombardeiam em excesso a visão com “flores cromáticas”, “azuis manchas de vinho” (ELÍSIO, 2012, pp. 4, 8), néons, verdes, vaga-lumes, flashes, guaches, irisada(s) aquarela(s), iluminuras (*ibidem*, p. 80).

Para além das sensações visuais, cada estado de alma é uma paisagem, como estabelecia Fernando Pessoa (1976a, p. 101). “Puro incêndio” representa exemplarmente o que chamamos de paisagem poético- pictórica:

Para mim (e neste momento), o pôr-do-sol é o incêndio já valendo a pena. Os seus tons de amarelo e vermelho; as suas nuances de violeta – tudo a esbater no anil do céu e na turquesa do mar. Faz-se, assim, o construto da minha emoção. E, compondo, em assaz linha, a paisagem (da janela da minha alma, pois claro), acrescentaria um pássaro deslizando a caminho do poente e recitaria (em balbúcio mental) o poema “Cinzeiro”, de Jorge Barbosa (ELÍSIO, 2012, p. 38).

O paladar, fartamente evocado no texto “Luar” (*Ibidem*, p. 42), alia-se ao olfato (cheiro de “pão quente à beira de um vinho por abrir”), à audição (“chilreios”, “grasnares”, “coaxos”, “ladrares”, tic-tacs), ao tato (“noites frias”, “travesseiro de cetim”), à visão (“aqueles desenhos de Miró”). Observemos:

Os pratos de que eu gosto? Em termos do comer, me apraz o trivial chicharro grelhado, arroz de feijão e molho escabeche, ou então uma barriga de atum (também na grelha), batatas cozidas e com azeitonas grandes. Obviamente, salada de alface, pepino e tomate, regada com azeite extra-virgem e o vinagre balsâmico. Pão, de todo o tipo. Um luminoso ovo estrelado, de vez em quando. Tudo disposto em prato grande, com aqueles desenhos de Miró. E, em termos do beber, chá gelado ou vinho tinto (para o fresco e sem frescuras). Framboesas, uvas, cerejas, todas as frutas. E você é «boca de não sei que fruta» (*Ibidem*, p. 43).

A cultura musical fundamenta a linha melódica (ou seria contrapontística?) dos textos, que têm como tema ou pano de fundo, além da fonia da palavra, da sílaba e da letra, a dança, a morna, o samba, o *soul* e os *spirituals*. A música de Cabo Verde e de outras latitudes, representada por Nancy Vieira, Mayra Andrade, Cesária Évora, Orlando Pantera, Eugénio Tavares, Mozart, Tchaikovsky, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Akon, Miles Davis exige maior e mais heteróclita acuidade auditiva do leitor.

Para exprimir essa superabundância de sensações e sentidos, o poeta “perplexo”, ele mesmo concebendo-se como “uma pergunta”, “queria ler todos os livros” (*Ibidem*, p. 7), canibalizar arigatôs, axés, batuques, dendês, voar como o pássaro. Contudo, cauteloso, tece algumas reflexões sobre o seu “voo”, lembrando as sábias lições de Alberto Caeiro:

O pássaro não voa para ser livre. Voa porque é natureza. Assim como não canta, porque sua ânima é aquela de se comunicar o que aos homens encanta. Quem voa para além do pássaro é o Poeta. Quem se prolonga no desejo da liberdade, quase na sua antinatura, é o artista. Quem canta é o ser humano, amarrado entre os anjos e os demônios, no desconcerto dos momentos. [...] Entrementes, voa o Poeta na sua sinecura, na sua fragmentada condição de não pássaro (*Ibidem*, pp. 9-10).

A voracidade, da vida e da leitura, é o brasão do escudo da linhagem filintiana:

Os poemas que leio? Gosto de tudo, daqueles versos de Neruda às vinhetas nas camisetas da Feirinha, passando pelo teu silenciar que me intervala como a paz de Alberto Caeiro. Imagine, fosse eu aqui listar os poemas de que gosto e leio!
(*Ibidem*, p. 43)

De literatura a política, passando pela teoria da cultura, pela filosofia, pela sociologia e pela linguagem do cotidiano local e mundial, o poeta abarrotava o seu baú de textos e de lembranças: “Releio o livro de Franz Fanon, um dos lúcidos. Também releio as obras de Jean Ziegler e de Noam Chomsky. Revisito Amílcar Cabral” (*Ibidem*, p. 75).

Revolvendo a sua arca poética, ora manancial para a intertextualidade, ora base para rearrumar as peças de sua própria lavra, esclarece o escritor, aludindo a obras anteriores:

De azuis manchas de vinho e vômitos escuros, escrevo eu também Me_xendo no baú. Vasculhando o U. Aliteração eterna em u, como só tu podes ver. Métricas rebeldes e rimas sem censura. Escarnecidas, mesmo se enternecidas, palavras do meu glosário escabroso (*Ibidem*, p. 8).

Na roda do tempo ou nas águas da clepsidra, o poeta, ao ímpeto da rebeldia e da iconoclastia, “busca a letra/ a musa/vas_culha/ de leve/ a letra u” (ELÍSIO, 2011, p. 48). De mundo e de música. Da

morna-saudade, do suplício da seca. De chuva (a língua das águas), sumo abençoado para as terras de Cabo Verde, umbigo do mundo. De úteros, mulheres, deusas. De batuque e funaná. U de tudo. E de Utopia. De alumbramento a esculpir. Vasculhando letras, cifras, signos, sinais hieroglíficos, ideogramas, Filinto Elísio tatua o corpo da poesia com um alfabeto ulterior (U), que vagueia no tempo entre o alfa (“escritos cirílicos”) e o ômega (Ω) dos weblogs, twitters, facebook e terabytes do nosso tempo.

No interior do sistema literário filintiano, de feição cinética e cibernética – “Nem conto isso da folha em branco. Mais precisamente do monitor em branco” –, (ELÍSIO, 2012, p. 47), uma nova figura é introduzida, a do eLeitor, actante da mídia audiovisual: “Não o chamaria de eReader, pois não tomo por empréstimo à língua inglesa o que esta flor do lácio também tem. Chamo-o de eLeitor, [...] aquele que navega e lê os meus textos digitais” (*Ibidem*, p. 40).

O texto “Feedback”, originalmente publicado no blog pessoal “Beira-mar desmedido”⁴, de Filinto Elísio, constata as reações desse eLeitor:

Geralmente, tiro o domingo de manhã para passear pela reação do leitor sobre o K Magazine. É um exercício que me dá gozo [...]. Um que me considera demasiado hermético. Outro que me queria a escrever para os analfabetos. Não faltando anônimos, estes frustradíssimos pela impotência, a dizerem cobras e lagartos. Claro que o leitor pode (e deve) discordar do que escrevo. Estaria a ser ingênuo e incoerente se dele esperasse unanimidade. Essas lérias de unanimidade não fazem a minha praia. Se a minha sintaxe já mexe com uns e outros, a minha semântica, com mais propriedade ainda, lhes é um deus nos acuda. A vacaria sagrada que me perdoe, mas sou vaca malhada. Profana até mais não, para não vos dizer desviada da manada. Portanto, deixem-me escrever sossegado da silva os meus textos impossíveis (*Ibidem*, p. 57).

Nesse contexto, a musa quixotesca – amada cantada incessantemente pelos textos filintianos – recebe poemas não mais declamados ou impressos, mas via SMS (*Short Message Service*, alusão ao método de composição do mais recente livro de Arménio Vieira, *O poema, a viagem, o sonho*, 2009): “O poeta apalavrava-me ter composto tais versos pelo telefone celular. À medida que cinzelava poemas, mandava-os por SMS para a Dulcineia” (*Ibidem*, p. 64).

4. <http://beiramardesmedido.blogspot.com/>

Derrubar preceitos, ortodoxias, historiografias e preconceitos, além de atualizar seu texto às tendências da contemporaneidade, são estratégias correntes na obra de Filinto Elísio.

Seja na crítica à poesia “bem comportada”, à moda do lirismo bandeiriano⁵:

Tendes, que não eu, engenho e arte. Tendes sorte. Eu não.
 A minha pluma, em flor de lácio, é de ouvido e fala.
 Faço paramentos com palavras. Uma espécie de missa:
 – Bem-aventurados os poetas malditos, vagabundos e doridos.
 – Bem-aventuradas as musas das esquinas e as raparigas esquecidas.
 – O reino falido da Poesia é vosso. Só vosso, animais com alma.
 Com as sintaxes e as semânticas de permeio! (*Ibidem*, p. 19)

Ou na inversão, apimentada pelo humor cáustico, da pirâmide constitutiva da historiografia oficial: “Praia já foi cidade dos seus costados para o mar./ Veio o Gama: urinou e partiu para a Índia” (*Ibidem*, p. 20).

E também no questionamento da persistência dos preconceitos:

Já Einstein dizia que mais fácil destruir o átomo que o preconceito. O primeiro é uma questão de ciência e o segundo, uma questão de consciência. Olhemo-nos demorada e silenciosamente ao espelho, companheiros. Para a ciência do átomo e a consciência de derrubar o preconceito. Para a relativização de tudo, tudo, tudíssimo (*Ibidem*, p. 12).

Colocar tudo em dúvida, com base na correlação heraclitiana de forças entre contrários (*enantiodromia*) que define o Ser humano, constitui a base da filosofia filintiana – anti-história, estória, tanto faz. Tudo é passível de reversibilidade:

Em verdade, somos sequestrados da vida, na sua luz e sombra. E em tese. Ninguém é diabo ou santo. Todos somos (tão frágeis) dramaticamente humanos. Com o vosso perdão por este intróito de anti-História. Ou apenas este rasgo de estórias que vão compondo a História. Ou, ainda, vice-versa (*Ibidem*, p. 30).

5. “Poética”. In: BANDEIRA, 2000, p. 32-33.

A releitura da história operada na prosa-quase-verso “Antropomórfico tão-somente” (*Ibidem*, pp. 32-33) apresenta-se como paradigmática desse processo.

No entanto, a arte de Filinto Elísio em *Diversa prosa de quase verso* não se reduz à entropia das formas; tal afirmação redundaria em minorar a sua complexidade criativa. A propositada desordem de Baco vai conviver com o espírito apolíneo que rege a mais perfeita das formas literárias. O soneto filintiano, sobretudo o amoroso, alcança, em várias de suas produções poéticas, o estro de grandes mestres. Ouçamos um dos burilados sonetos de sua lavra:

O que me acontece

Evades-me, ora de contente, ora de padecida,
Perdendo no que me eras enleio, só devaneio,
O seres-me sêmea, se sendo fêmea não bastarias
Para que me afoitasses, cá dentro, poesia...

Desfiava-te as tranças e esvoaçava-te os pelos,
Sodomizava-te a cada milímetro, a música
De ti que ouvia, teu certo respirar, arfante,
De quase gemido, nau perdida que derivas...

Evades-me sempre, tão que de modo leve,
Se me escapas das mãos, quão fresca água
De matares minha sede, a dos desertos meus...

A de minha vida breve, eis que me anoitece,
Ave que vai e vem, voa e povoa de imagem
O soletrar de amanhã com que me foges... (*Ibidem*, pp. 13-14)

Coerente com o título do livro, o lirismo amoroso pode também exprimir-se numa prosa quase verso, como em “As tranças de Bintou” (*Ibidem*, p. 46): “Erógena duna, hipotenusa de corpo, nuvem, levitante, se desgarras da alvura das manhãs, viagem, só viagem e, no haver miragem, as tranças de Bintou...”

Artifícios como a aliteração e a assonância – “Só lhe falta Jack, o Estripador, para isto ficar chispe, chique e foggy” (*Ibidem*, pp. 21-22) –, a rima interna e o ritmo – “Uma delícia, carícia quase”

(*Ibidem*, p. 34) –, a expressão antitética – “a personagem continua de pouco pé no chão e de muito planar na lua. Entre o chão de massapé e assaz esvoaçar lunante, o cronista escolheria este a aquele” (*Ibidem*, p. 22) – imprimem à prosa de Filinto Elísio uma trama de quase verso. Como na passagem: “Em verdade: o que nos apodrece e nos rasteja, tão em desalento quão em ditoso, é o enternecer do poeta – tudo o que lhe alumia o lado de sombra” (*Ibidem*, p. 71).

Os metatextos e a reflexão sobre a escrita constituem ainda pedras fundamentais da sabedoria poética filintiana: “Mais do que para quê escrever, a questão palpitante vasculha-se no porquê de o fazer” (*Ibidem*, p. 19). De onde provém o texto literário? “Perdoa-me, se ao poeta for isto: o verbo abstrair-se-lhe do começo bíblico. Ele vem de não sei onde e vai para o infinito da incerteza. Nenhuma matemática. Gramática nenhuma” (*Ibidem*, p. 52). E como construir o texto?

Ainda que livre, escorreita e navegável, a crônica exige alguma racionalidade e não se confina ao velejar pelo oceano incerto, ora para o sotavento, ora para o barlavento, havendo esse mar azul para o sem porto de alguma chegada. Naturalmente que, tal o pensamento, serei sempre livre para escrever sobre a trivialidade. [...] fica daqui para o meu leitorado (menos, Filinto Elísio, muito menos, companheiro) um abraço pela fidelidade e uma certeza de não me terem de aturar, como cronista, em próximo futuro (*Ibidem*, p. 22).

Pluralidade, liberdade e irreverência são tônicas da oficina exposta no metatexto filintiano:

Tenho a pauta cheia e as sugestões são muitas. Uma amiga quis que eu escrevesse sobre a chuva. Outra sugeriu que pusesse no meu texto umas barragens retendo água. E não faltou quem quisesse uma escrita mais consequente, de companheiro das causas e das bandeiras. Mas, repito, estou no ponto de rir de mim. E de tudo... sem maldade nenhuma (*Ibidem*, p. 43).

Em suma, a arte de Filinto Elísio é “Isto”: uma escrita intervalar ou “resvalar” (ELÍSIO, 2012, p. 79), que, circulando “em meio” ao primeiro e ao último texto do livro, em *Diversa prosa de quase verso* ensina-nos o que é a Poesia, na linha temática do poema “Isto”, de Pessoa ortônimo:

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,

É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
 Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
 Livre do meu enleio,
 Sério do que não é.
 (PESSOA, *Cancioneiro*, 1976a, p. 165, grifos meus)

O poeta cabo-verdiano, em polifonia com o Mestre de *Orfeu* e com o nosso texto, conclui (circularmente) no poema-inscrição de seu mais recente livro:

Isto é assim
 Será Poeta **este hiato** entre deus e demônio,
Este intervalo que não grita, nem se silencia,
 Mas que cicia à luz da sombra e, do meio-dia,
 Em sua melodia, fazer as vezes da meia-noite?
 (ELÍSIO, 2012, p. 3, grifos meus)

Para Filinto Elísio, Poesia é terraço, intervalo, hiato, um estar no meio ou estar-entre. É “Isto apenas”:

Mau grado corpo e **tudo** nos (in) existir, bate-nos por vate o não-objeto, **poema de pura frequência energética**. Sem espanto de nada, no desdobramento do ínfimo, ora de pedra, ora de animal ou planta, sempre do Homem, pois vão os pulsares, os latejares e os amares, tal como os odiars, pela água dos dias. Agora, na calada (assim longe dos anelares de quem se julga rei ou deus), para mim é **um renascer a cada poema...** (*Ibidem*, p. 82, grifos meus)

Nosso texto, como o de Filinto, volta enfim, em movimento circular, ao seu começo. Mais experiente, porém, depois de conviver com o livro. Com a arte cinética, frequência energética, mestria poética que Filinto Elísio comunica. “Isto” é Tudo, Poesia: “um renascer” constante, sem que o poeta

nunca toque os pés que vagueiam (ou as mãos que escrevem) na água do mesmo rio, “água dos dias” a escoar na clepsidra.

Artigo recebido: 12/08/2011

Artigo aceito: 13/12/2011

Referências Bibliográficas:

BANDEIRA, Manuel. Poética. In: *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 32-33.

ELÍSIO, Filinto. *Diversa prosa de quase verso* (inédito, em processo de publicação).

_____. *Me_xendo no baú. Vasculhando o U*. Lisboa: Letras Várias Edição e Arte Lda, 2011.

_____. *Li Cores & Ad Vinhos*. Lisboa: Letras Várias Edição e Arte Lda, 2009.

HEIDEGGER, Martin.. Logos (Heráclito, fragmento 50). In. *Os pré-socráticos* (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973. P. 117-129.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1976a.

_____. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1976b.

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Lisboa: Ulisseia, s.d.

VIEIRA, Arménio. *O poema, a viagem, o sonho*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

Webgrafia:

Beira-mar desmedido, blog do escritor cabo-verdiano Filinto Elísio, <http://beiramardesmedido.blogspot.com/> Acesso em dezembro de 2011